

## V | *Agape*

**V**oltemos a nossa atenção para a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios (I Coríntios 13). Deste ponto privilegiado, examinemos os argumentos apresentados até aqui.

Para o benefício do leigo, antes de irmos ao ponto em questão, interpolemos aqui uma definição preliminar e introdutória de “*agape*”.

A maioria dos adultos já encontrou algures, nas suas leituras ou em oportunidades correlatas, uma referência à distinção entre *amor* “sagrado” e “profano”. Como passo preliminar, assumamos que o *amor* (*agape*, *caritas*, *caridade*) mencionado em I Coríntios 13 e em outros pontos do Novo Testamento seja definido de forma aproximada como equivalente a “amor sagrado”, algo oposto ao “amor profano”.

O “amor sagrado” é exemplificado pelo “amor de Deus”. Designemo-lo, alternativamente, *amor pela verdade*, *amor pela [(s) formas clássicas de] beleza*<sup>1</sup> e *amor pela Humanidade*. Um exemplo é o amor dos pais e avós pelo desenvolvimento dos potenciais humanos da criança.

Designemos esse conjunto de relações *isocrônicas*, englobando passado, presente e futuro, definido sempre em termos da geração, transmissão e assimilação de descobertas científicas fundamentais pela razão criadora individual. O conceito

pode ser reafirmado de forma genérica nos termos da nossa discussão no capítulo precedente: estas relações isocrônicas, englobando o passado, o presente e o futuro, são sempre definidas nos termos da perfeição da razão criadora individual, *por meio* da geração, transmissão e assimilação eficiente das descobertas científicas fundamentais. Da mesma forma, ele pode ser reafirmado de forma útil, nos termos mais amplos implicados, no que tange às formas de arte clássica, atos de amor criativo pela Humanidade e assim por diante.

O que se enfatizado nesta conjuntura imediata é a concordância, a congruência coextensiva entre o *agape* e os atos universais da razão criadora. A extensão à universalidade do passado, presente e futuro da Humanidade *pelo amor de Deus* é o *agape* expresso na prática, como um ato criador dirigido à perfeição dos poderes criadores da Humanidade.

Sem esse *agape*, não há poder criador, nem ato criativo. É por meio de atos criativos, como definimos a palavra “criativo” nesta e em outras publicações<sup>2</sup>, que o estado emocional associado ao *agape* é expresso e comunicado.

Agir significa, implícita e eficientemente, preferir escolher uma forma, entre várias, de usar uma parte daquele recurso miseravelmente finito que é a totalidade da existência mortal permissível de um indivíduo. É do mais elevado e verdadeiro auto-interesse do indivíduo preferir a escolha de um ato que represente um benefício maior e de mais largo alcance para as gerações futuras de toda a Humanidade. Esta escolha é, implicitamente, um ato de *amor sagrado* para com a Humanidade, sob a condição de que o ato escolhido seja de qualidade apropriada e motivado por uma intenção específica.

Já consideramos algumas das razões pelas quais a qualidade daquele ato escolhido deve exprimir eficientemente o poder soberano da razão criadora do indivíduo. Incluímos entre esses atos universais o desenvolvimento do potencial de caráter moral e de razão criadora na criança individual. Entretanto, também indicamos que é o maior desenvolvimento da faculdade criadora das gerações futuras que, em si, expressa a forma essencial do verdadeiro bem, que expressa de

forma menos imperfeita a escolha do ato que seja consistente com o auto-interesse verdadeiro e mais profundo da pessoa.

Em sua *Douta ignorância* (De Docta Ignorantia) e em outras obras, o cardeal Nicolau de Cusa desenvolve uma concepção denominada “Máximo-Mínimo” (ver Anexo II). Esta concepção tem vários significados implícitos para a ciência física e possui um significado geralmente mais inclusivo, que enfatizamos em conexão com o *agape*.

Anteriormente, definimos o indivíduo humano engajado no uso das faculdades desenvolvidas da razão criativa como uma entidade soberana. Este uso da expressão “soberana” significa, entre noções correlatas, que o processo de construção de uma concepção singular da forma de uma descoberta científica válida e revolucionária ou do germe de uma grande composição artística de Rafael ou Beethoven constitui é um processo que ocorre inteiramente dentro da mente do indivíduo. Isto também significa que quem quer que reviva tal ato mental de descoberta - como, por exemplo, um estudante - na transmissão e assimilação daquela idéia integral, também estará agindo com a mesma capacidade soberana.

No caso das descobertas revolucionárias na ciência física, está implícito que este processo criativo soberano do indivíduo está praticamente engajado nas leis que governam o Universo como um todo. Isto representa a vontade eficiente do Criador. Esta representa o Máximo; a mente criativa individual representa o Mínimo, que ecoa o Máximo. Na medida em que este reflexo se encontre em processo de aperfeiçoamento, o Mínimo representa a *imagem viva do Máximo (imago viva Dei)*.

A relação assim descrita entre o Máximo e Mínimo é *agápica*, se ela realiza o que indicamos como os requisitos tanto de qualidade quanto de intenção. Ademais, este tipo de relação entre dois ou mais *Minima* (as *mônadas* de Leibniz) participa no grau superior, na relação reflexiva superior com o Máximo. Assim, o *agape* (“*caritas*”, *caridade*, *amor sacro*) permeia tudo; nada representa um bem verdadeiro, a menos que seja assim permeado pelo *agape*.

A finalidade da existência humana, o mais verdadeiro auto-interesse, tanto de cada indivíduo quanto de toda a sociedade, respectivamente e de forma única, é determinar a proliferação e a perfeição da existência humana no nosso Universo desta forma *agápica*.

Desta forma, I Coríntios, 13 pode ser lido por ocasião da reflexão sobre este tópico.